

Equipamentos radiológicos fora de uso

Sheila Messerschmidt
Da equipe do Correio

Fazer um exame radiológico no Hospital de Base do Distrito Federal tornou-se um jogo de paciência. Aparelhos quebrados, demora no conserto e a falta de materiais estão levando doentes a encarar até meses de espera por um atendimento. O problema mais grave é a máquina de tomografia computadorizada. Quebrada há quatro meses, ainda não há previsão de quando ela voltará a operar. Nesse tempo, cerca de 5 mil exames deixaram de ser realizados.

Apenas na emergência do hospital há um equipamento similar em operação. Mas, como a demanda é grande (100 exames diários), não é possível atender às marcações de consultas do ambulatório. Segundo o diretor do HBDF em exercício, Antônio Carlos Moretzsohn de Mello, um novo tubo de imagem foi comprado recentemente por cerca de R\$ 100 mil, mas no conserto verificou-se a necessidade de substituição de outras peças. "A empresa que faz a manutenção já está providenciando isso", garantiu.

Para o cozinheiro Manoel Jerônimo de Araújo, 49 anos, nada serve de desculpa para a demora no atendimento, que só faz au-

mentar sua dor na coluna. Ele esperou 60 dias para se consultar no HBDF e, na última quarta-feira, com uma requisição de tomografia nas mãos, saiu do hospital sem ter um diagnóstico. "Nem os médicos sabem quanto tempo vou ter de ficar sem o exame", criticava o morador de Brazlândia. A orientação no balcão de marcação de exames era não agendar qualquer tomografia.

RISCO EM CIRURGIAS

Outros dois equipamentos essenciais para exames cardíacos e neurológicos estão quebrados. Os aparelhos de hemodinâmica só acumulam poeira. Os médicos têm de improvisar diagnósticos complexos — como os de aneurismas cerebrais — utilizando exames imprecisos, como raio X. "Acer-tar ou não numa operação dessas passa a ser sorte ou azar", desabafa um médico do HBDF, que pediu para não ser identificado. A direção do hospital informou que o pedido de conserto do aparelho de hemodinâmica foi feito na semana passada.

Mesmo quando os equipamentos estão em boas condições, faltam materiais essenciais para a realização de exames. A costureira Josefa dos Santos, 51 anos, precisava de um



OS APARELHOS DE HEMODINÂMICA, ESSENCIAIS PARA O DIAGNÓSTICO DE ANEURISMA CEREBRAL, ESTÃO QUEBRADOS: MÁQUINAS SÓ ACUMULAM POEIRA

raio X da coluna, mas por falta de filme (a chapa) só conseguiu agendar o atendimento para final de agosto. "Não posso esperar, vou ter de procurar outro recurso. Estou com muita dor."

Para os exames de mamografia, o problema se repete. A direção do hospital garante que o estoque de material existe, mas é consumido rápido. A recepcionista Conceição da Costa de Araújo, 41 anos, teve de fazer o exame em clínica particular, depois de

não conseguir ser atendida no HBDF nem no Hospital Regional de Taguatinga. Ela precisou apelar à chefe para conseguir os R\$ 60 necessários para o exame. "Não adianta o governo fazer tantas campanhas contra o câncer de mama e de colo do útero se não há material para os exames."

A falta de outro tipo de material de apoio também prejudica o atendimento de quem precisa de uma ressonância magnética. Não há fluido de contraste, sem

o qual o exame não pode ser realizado. Alguns pacientes optam por comprar por conta própria a substância, a fim de não retardar ainda mais o atendimento. O frasco de um contraste iodo-dado, por exemplo, custa cerca de R\$ 150. A direção do hospital informou que o pedido de compra desse tipo de material foi feito à Secretaria de Saúde no dia 24 de junho. O contraste chegaria a qualquer momento.

O hospital conta com a ajuda

das entidades de apoio que atendem os pacientes. A Rede Feminina de Combate ao Câncer, por exemplo, costuma dar alimentos e objetos pessoais aos doentes. Mas este ano já doou cinco caixas de filmes para exames de mamografia. "A falta de material é um problema que vem se arrastando no hospital há muito tempo", garante a presidente da Rede, Maria Tereza Falcão.

COLABOROU PAOLA LIMA